

**18**

NÚMERO 1



REVISTA  
**DIALOGO E  
INTERAÇÃO**

ISSN 1275-3687



**FACCREI**

## NO PRINCÍPIO, ERA O NOIVO: UMA INVESTIGAÇÃO TEOLÓGICO-DISCURSIVA DE CÂNTICO DOS CÂNTICOS, DE SALOMÃO

### IN PRINCIPLE, IT WAS THE GROOM: A THEOLOGICAL-DISCURSIVE INVESTIGATION OF SOLOMON'S SONG OF SONGS

Wilder Kleber Fernandes de Santana\*

**RESUMO:** Este artigo se propôs a realizar um estudo teológico-discursivo do escrito bíblico *Cantares de Salomão*, em que se discorre sobre elementos essenciais à narrativa sob dimensões estrutural, temática e simbólica (alegórica), tais como a localização pelo cânon bíblico, a autoria e a contextualização discursiva. Refletindo sobre o percurso narrativo construído por Salomão em *Cantares*, percebemos que o texto constitui traços de uma consciência englobante a respeito da nação de Israel, ou seja, aquilo que Deus preparou em forma de *tipos* (ou, em outro ângulo, em enigmas). Também denominado de *Cântico dos Cânticos*, o livro *Cantares de Salomão* é integrado entre os livros de caráter poético do Antigo Testamento. Dessa forma, permite que o leitor tenha uma visibilidade excedente, exotópica de seu conteúdo discursivo, não se reportando apenas à estrutura superficial, mas também desvendando as camadas simbólicas. Além do instrumental teológico, para concretização de nosso estudo, recorreremos às contribuições de Bakhtin e Volóchinov, os quais fundamentam o subsídio teórico da pesquisa. A abordagem dialógica tem demonstrado que há múltiplas formas de manifestação da linguagem, e que é possível correlacionar os níveis ético e estético numa perspectiva discursiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguagem. Dialogismo. Discurso. Cântico dos cânticos. Salomão.

**KEYWORDS:** This article aimed to carry out a theological-discursive study of the biblical writing Song of Solomon, in which essential elements of the narrative are discussed under structural, thematic and symbolic (allegorical) dimensions, such as location by the biblical canon, authorship and discursive contextualization. Reflecting on the narrative path constructed by Solomon in the Song of Solomon, we realize that the text constitutes traces of an all-encompassing awareness of the nation of Israel, that which God has prepared in the form of types (or, to put it another way, in riddles). Also called the Song of Songs, the Song of Solomon is one of the poetic books of the Old Testament. In this way, it allows the reader to have a surplus, exotopic visibility of its discursive content, not only referring to the superficial structure, but also unveiling

---

\* Doutor e Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Realiza Estágio Pós-Doutoral com bolsa pelo PROLING - UFPB junto à FAPESQ (Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba). Membro-pesquisador do Grupo de Pesquisa em Linguagem, Enunciação e Interação (GPLEI-UFPB-CNPQ).

the symbolic layers. In addition to the theological instruments, for the accomplishment of our study, we resorted to the contributions of Bakhtin and Volochinov, which underlie the theoretical subsidy of the research. The dialogic approach has shown that there are multiple forms of language manifestation, and that it is possible to correlate the ethical and aesthetic levels in a discursive perspective.

**KEYWORDS:** Language. Dialogism. Speech. Song of songs. Solomon.

## Introdução

O presente artigo pretendeu realizar um estudo teológico-discursivo do escrito bíblico *Cantares de Salomão*, em que se discorre sobre elementos essenciais à narrativa sob dimensões estrutural, temática e simbólica (alegórica), tais como a localização pelo cânon bíblico, a autoria e a contextualização discursiva. Em mesmo direcionamento, recorreu-se a algumas interpretações realizadas com fundamentação na tradição cristã contemporânea (FUTURA; RODRIGUES, 2017; GRAHL, 2020; SCHAEFFER, 2021) e na Torá, ou a Lei de Moisés (2001).

Também denominado de *Cântico dos Cânticos*, o livro *Cantares de Salomão* é integrado entre os livros de caráter poético do Antigo Testamento. Dessa forma, permite que o leitor tenha uma visibilidade excedente, exotópica de seu conteúdo discursivo, não se reportando apenas à estrutura superficial, mas também desvendando as camadas simbólicas, o que nos remete ao plano espiritual/simbólico/transcendental<sup>1</sup>. Muitas fragmentações bíblicas foram escritas com o propósito de prenunciar a vinda de Jesus, e isso pode ser observado nos diversos tipos (ou incidentes) presentes no Antigo Testamento. Para Habershon (2003, p. 13), “esses incidentes, além de nos ensinar lições espirituais, realmente aconteceram”. Alguns sujeitos, segundo o autor, “gostariam de levar a acreditar que, embora haja significado espiritual nessas passagens, não passam de tradições e fábulas. Não seriam registros de eventos reais, mas meramente alegorias” (HABERSHON, 2003, p. 13).

---

<sup>1</sup>Falar em Plano simbólico ou alegórico é debater em perspectiva filosófica, no sentido de uma realidade transcendente. No contexto veterotestamentário alguns estudiosos irão lançar olhares para a ordem que foi dada desde Gênesis para que houvesse Luz, e esta ressignificada por Paulo em II Coríntios 4,6 em que a Luz brota/resplandece nos corações dos homens. Portanto, este plano hierofânico representaria o amor recíproco entre Cristo e a sua Igreja.

É preciso, ainda, notificar que o estudo teológico-discursivo do campo *metatipológico* permite enxergar os elementos presentes nas condições de produção da narrativa veterotestamentária como *tipos e prenúncios* do que aconteceria no Novo Testamento. A defesa veemente do autor é que no processo de construção do texto bíblico se vê “prefigurada nos tipos “toda a vontade de Deus”. Desse posicionamento axiológico, com base na Teoria Dialógica da Linguagem (Bakhtin, 2006 [1979]; Volóchinov, 2017 [1929]), caso as narrativas não sejam correlacionadas e examinadas as condições de produção dos textos bíblicos, estes não podem ser compreendidos ativamente. Por certo, caso haja essa separação entre Antigo e Novo Testamento bíblicos, continuarão encobertas as novas interpretações neotestamentárias (HABERSHON, 2003. p. 13).

Além do instrumental teológico, para concretização de nosso estudo, recorreremos às contribuições de Bakhtin (2006 [1979]; 2010 [1930-34]) e Volóchinov (2017 [1929]), os quais fundamentam o subsídio teórico da pesquisa. A abordagem dialógica tem demonstrado que há múltiplas formas de manifestação da linguagem, e que é possível correlacionar os níveis ético e estético numa perspectiva discursiva, o que nos permite adentrar no campo simbólico e dos discursos religioso e bíblico-teológico (SANTANA, 2018; 2019; SANTANA & SILVEIRA, 2021).

Refletindo sobre o percurso narrativo construído por Salomão em *Cantares*, percebemos que o texto constitui traços de uma consciência englobante (Bakhtin, 2006) a respeito da nação de Israel, ou seja, aquilo que Deus preparou em forma de *tipos* (ou, em outro ângulo, em enigmas). Assim, reenunciando a epístola endereçada aos Hebreus, afirma Habershon (2003. p. 23) que “os tipos são mera sombra dos bens que hão de vir, e não a realidade dos mesmos” (Hebreus 10,1).

Em termos estruturais, o traçado que fizemos comporta os seguintes movimentos de discussão: 2) Questões de estrutura, autoria e o contexto dialógico de *Cantares* de Salomão; 3) O que consta na Torá (Lei de Moisés) a respeito do livro de *Cantares* e 4) O beijo, o amor e o vinho: uma análise dialógico-discursiva. Após, seguem as considerações finais e as referências.

## Questões de estrutura, autoria e o contexto dialógico de Cantares de Salomão

*Cantares de Salomão* faz parte da terceira sessão da Bíblia hebraica, *Kethubim* ou Escritos. De acordo com Eaton & Carr (1989, p. 178), “Tais escritos formam uma coleção bastante diversificada, incluindo obras como a profecia de Daniel, os livros históricos de Crônicas, Esdras e Neemias”. Juntamente a Rute, Lamentações, Eclesiastes e Ester, *Cantares* era lido publicamente nos principais festivais israelitas, e classificado como livro sapiencial ou “de sabedoria”. Lia-se *Cantares* na Páscoa<sup>2</sup>, a mais importante festa hebraica, em que era celebrado o livramento do Egito (Êxodo 12).

Na grande maioria das edições Bíblicas da atualidade traduzidas para o português brasileiro, *Cantares* encontra-se após Eclesiastes, e antes do livro do profeta Isaías. Essa expressão em hebraico confluí-se como uma fórmula de superlativo: *Shir Hashsirim* consiste no mais belo dos Cânticos, o “Cântico por Excelência” ou o “Cântico Maior”. Acerca disso, muitos estudiosos argumentam que a literatura sapiencial, dedicada aos livros de sabedoria, especialmente a *Cantares de Salomão*, constituiu uma adição posterior às escrituras canônicas hebraicas, analisando que ainda em tempos posteriores os rabinos discutiam sobre a permanência ou não de *Cantares* no Cânon. Para Israel, todos os livros são santos, mas *Cantares* é Santíssimo, e a decisão sobre sua inclusão foi positiva (EATON/CARR, 1989; TORÁ, 2001; SCHAEFFER, 2021).

Contendo apenas oito capítulos, *Cântico dos Cânticos* é um livro curto e breve. Porém, é desta forma que apresenta uma estrutura bastante complexa. Diferentes personagens têm voz, ou falam, nesse poema lírico. Em muitas traduções bíblicas, os emissores alternam suas enunciações de modo inesperado, o que reforça a necessidade de uma atenção especial à construção da narrativa. Essa canção, que

---

<sup>2</sup>*pascha* (πάσχα) é a grafia grega da palavra aramaica para Páscoa, derivado do hebraico *pāsach*, “passar sobre, poupar”, que é a festa instituída por Deus em comemoração da libertação de Israel do Egito e, em figura, *uma antecipação do sacrifício expiatório de Jesus*. (VINE, 2013). É uma palavra polissêmica e pode significar: (i) – A festa da páscoa (Mt 26,2; Jo 2, 13 e 23; 6,4; 11,55; Hb 11,28); A representação máxima e mais louvável que temos é o que Paulo nos coloca, por meio da revelação Divina: Jesus Cristo é a nossa Páscoa (cf. I Coríntios 5,7).

aponta para a representação de amor entre Cristo e a Igreja, pode ser também dividida: *O início do Amor* (Cap.1-4) e seu *Amadurecimento* (cap.5-8). Além disso, a obra teria contatos com o Salmo 45<sup>3</sup> ((EATON/CARR, 1989).

O esposo enxerga a esposa como um molde de perfeições, contempla-a pelo cristal daquilo que considera mais saciável, seja vinha ou fonte, jardim ou “nardo e açafrão” (Cantares 1.6; Cantares 2.15; Cantares 4.12-14; Cantares 5.1; Cantares 8.12). A beleza desta união e as delícias do amor são comparados a vários alimentos, como os frutos da terra, os lírios, o vinho, o leite ou o favo de mel (Cantares 4.3,11; Cantares 5.1,13; Cantares 6.2,7; Cantares 7.7-9; Cantares 8.2). Da mesma forma, o poema expressa, às vezes, a angústia da mulher pela ausência do amado (Cantares 1.7; Cantares 3.1-3; Cantares 5.8), a felicidade do encontro (Cantares 2.8-14; Cantares 3.4) e, sobretudo, o desejo intenso da entrega recíproca, ou da comunhão em plena santidade entre Deus e a nação de Israel (Cantares 1.2-4; Cantares 8.1-3).

Os participantes principais do poema são: O noivo – o Rei – (Cantares 1,4<sup>4</sup> e 12<sup>5</sup>) representado por Cristo. E a noiva, mulher (a Igreja), mencionada como "Sulamita" (Cantares 6,13<sup>6</sup>), e que também é representada pelas "filhas de Jerusalém" (Cantares 2,7<sup>7</sup>). No poema, as filhas de Jerusalém ecoam como coro os seus sentimentos, enfatizando seu amor e afeição pelo noivo - Cristo.

Então, por que será que se dá tanta ênfase a este Cântico? Será que a Cultura Judaica – sempre teve/ tem a mesma visão que a de outros povos a respeito de Cantares? Esta canção é usada, com frequência, no Antigo Testamento como símbolo excelente da aliança de Deus com Israel e, no Novo Testamento, do relacionamento

---

<sup>3</sup>Supõe-se que o rei aqui seja Salomão e o cântico, sobre seu casamento com a filha de Faraó (I Reis 3).

<sup>4</sup>Cantares 1,4: “Leva-me contigo! Corramos! Introduze-me o rei nas tuas recâmaras!...”

<sup>5</sup>Cantares 1,12: “Enquanto o rei está assentado à sua mesa...”.

<sup>6</sup>Cantares 6,13: Volta, volta ó Sulamita...”

<sup>7</sup>Cantares 2,7: “Conjuro-vos, ó filhas de Jerusalém, pelas gazelas e corças do campo, que não acordeis nem desperteis o meu amor, até que ele o queira”.

de Cristo com a Igreja (Efésios 5, 23-32;<sup>8</sup> Apocalipse 21, 2 e 9<sup>9</sup>). A seguir, traçamos notas dialógicas para Cantares de Salomão.

A abordagem dialógica da linguagem constitui um campo teórico-metodológico de estudos da linguagem e do discurso que demarca estudos de cunho histórico, ideológico e cultural. Impulsiona a que os pesquisadores se debrucem sobre seus objetos de estudo com olhares analíticos, e ao mesmo tempo sob o terreno da responsabilidade científica, ou poderíamos falar de uma heterociência (BAKHTIN, 2006 [1979]).

Grande parte dos pesquisadores do terreno bíblico mantém diferentes opiniões acerca da classificação do livro (EATON/CARR, 1989; TORÁ, 2001; SANTANA, 2018; 2019; SCHAEFFER, 2021). Alguns o consideram como uma espécie de *Antologia de canções de amor*. Outros elencam que se trata de um *drama de curta duração*. Os mais aplicados consideram ser uma *bela e breve poesia lírica*. Esta última classificação parece mais defensável em justificativa da brevidade estrutural do livro. De acordo com os judeus, Salomão compôs “Cântico dos Cânticos” em sua juventude, “Provérbios” em sua fase adulta e “Eclesiastes” depois que se viu afadigado das coisas da terra.

A autoria de Cantares é atribuída a Salomão, filho do Rei Davi. Pode-se dizer que é “de Salomão”, pois a expressão hebraica “de Salomão” traduz Salomão como o seu autor. A opinião tradicional entre judeus é a de que este foi o seu autor, sustentando-se naquilo que Samuel descreve em *I Reis 4, 32*: “E disse três mil

---

<sup>8</sup>Efésios 5, 23-32: “Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo. De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos. Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela, Para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra, Para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível. Assim devem os maridos amar as suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo. Porque nunca ninguém odiou a sua própria carne; antes a alimenta e sustenta, como também o Senhor à igreja; Porque somos membros do seu corpo, da sua carne, e dos seus ossos. Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe, e se unirá a sua mulher; e serão dois numa carne. Grande é este mistério; digo-o, porém, a respeito de Cristo e da igreja”.

<sup>9</sup>“E eu, João, vi a santa Cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu, adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido. E veio a mim um dos sete anjos que tinham as sete taças cheias das últimas sete pragas, e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei a esposa, a mulher do Cordeiro”.

*provérbios, e foram os seus cânticos mil e cinco*”. Este grande poema condensa a sabedoria infundida por Deus ao seu servo Salomão (tipo de *Cristo*).

Quando falamos a respeito de Salomão como tipo de Cristo, não estamos falando de essência, pois a narrativa bíblica argumenta que nenhum homem – humano – ou até mesmo outra “divindade” será capaz de possuir a essência de Cristo. Antes, estamos recuperando um Cristo Espiritual (que é o próprio Deus Filho) cuja existência já se fazia presente na vida de alguns profetas antigos. Isso fica bem claro no discurso de Paulo aos Coríntios, em que é frisado que o alimento Espiritual do povo de Deus era o próprio Cristo:

V. 1 Ora, irmãos, não quero que ignoreis que nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem, e todos passaram pelo mar. V.2 E todos foram batizados em Moisés na nuvem e no mar. V.3 E todos comeram dum mesmo manjar espiritual. V.4 E beberam todos duma mesma bebida espiritual, porque bebiam da pedra espiritual que os seguia; e a pedra era Cristo. (I Coríntios 10, 1-4).

Sob ótica cristã, Salomão ser um tipo de Cristo foi propósito de Deus, e sempre será, no sentido de prenunciar, através das obras daquele e de sua relação amorosa com a Sulamita, o relacionamento de Cristo com a Igreja. O poema tem sua escrita estimada por volta do ano 1000 a.C, na Palestina, de acordo com o Pastor Dake (2012, p. 960). Macdonald atesta que

O título “Cântico dos Cânticos” (também conhecido como “Cantares”) é uma expressão idiomática do hebraico que significa *o cântico mais primoroso*. A *Midrash* judaica considera o Cântico “o mais louvável, mais excelente mais estimado dentre os cânticos...” (MACDONALD; 2010, p. 619) (Grifos do autor).

A perspectiva cristã considera que Jesus é a manifestação de Deus através da figura do Filho. Recorre, para essa defesa argumentativa, aos escritos de João João 1,1: “No princípio era o Verbo. O Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”. João 1,14: “O verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” e / João 5, 20: “Sabemos também que o filho de Deus já veio e nos deu entendimento para conhecermos o que é verdadeiro;

e no que é verdadeiro estamos, isto é, em seu filho Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna”. Também na voz de Paulo de Tarso: // *Tessalonicenses 2, 16*: “E o próprio Senhor Jesus Cristo, nosso Deus e Pai, que nos amou e em graça nos deu uma eterna consolação e boa esperança...”.

Uma parte específica da tradição cristã, os estudiosos críticos, compreende que este livro se trata de uma descrição simbólica do amor entre Deus e Israel, ou entre Cristo e a Igreja. De acordo com tal visão, Salomão simboliza Deus/ Cristo, e a Sulamita Israel/ a Igreja (EATON/CARR, 1989). Alguns críticos mais cuidadosos da escritura bíblica observarão que essa não deve ser a interpretação primeira do livro, uma vez que os mistérios contidos nele, desde a fundação do mundo, foram revelados apenas aos apóstolos do Novo Testamento. Quanto a questões interpretativas, torna-se imperial uma leitura com base na arquitetônica, em que haja um esforço maior no nosso olhar/observar, no intuito de compreender a narrativa salomônica.

Utilizamos o termo “arquitetônico (a)” a partir da mobilização epistemológica feita pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin (encontramos discussões acerca desse tema em alguns de seus livros, dentre os quais: *Estética da Criação Verbal e Questões de literatura e estética*). O conceito de arquitetônica presente, inicialmente, no texto “Arte e Responsabilidade”, vincula-se às considerações acerca da relação entre arte e vida e da noção de responsabilidade. A arquitetônica é a construção ou estruturação do discurso – sempre relativamente estável -, que une e integra o material, a forma e o conteúdo. De acordo com Bakhtin, a arquitetônica da visão artística organiza tanto o espaço e o tempo quanto o sentido. Um todo arquitetônico é imbuído da unidade advinda do sentido. O “todo” tem relação com o acabamento, que se vincula ao excedente de visão como elemento constitutivo basal tanto da interação quanto da atividade autoral. Em suma, podemos dizer que a arquitetônica é a criação de um todo integrado.

É esse tipo de predisposição, especificamente em relação ao Cântico dos Cânticos, que propomos interpretar, estabelecendo vínculos de responsabilidade a partir do olhar analítico (porém, respeitando-se, claro, os níveis e limites de interpretação). Assim, estaremos sempre avaliando não só o a forma e o material presentes nos textos, mas acima de tudo, seu conteúdo vivenciado, sentido, e as

referências feitas/prenunciadas por cada personagem. Haverá compreensão plena dos propósitos divinos quando organizarmos o espaço e o tempo, e sobretudo o(s) sentido(s) presente(s) nos discursos que não podem jamais ser desprezados. Quando levamos isso em conta, e avaliamos o todo em relação às partes, o(s) ato(s) de criação, as referências e os simbolismos contidos nos enunciados, estamos realizando uma leitura arquitetônica. A criação desse todo integrado é o próprio ato de ler arquitetonicamente.

A composição Cantares de Salomão foi escrita na Palestina aproximadamente no ano 1000 a.C, de acordo com o Pr. Dake (2012, p. 960). Macdonald (2010, p. 619) retrata que o rei Salomão provavelmente escreveu esse cântico em algum momento de seu quadragésimo ano de reinado (971 -931 a.C).

### **O que consta na Torá (Lei de Moisés) a respeito do livro de Cantares**

De acordo com a Lei Mosaica (2001, p. 647), segundo o Misdrash (*Shir Hashirim Rabá 1, 10*), o rei Salomão escreveu este Cântico na sua juventude. Denomina-se assim por conter numerosos simbolismos e alegorias da Congregação de Israel com relação ao seu Criador.

O Talmud diz: “Aquele que fizer do *Shir Hashirim* um cântico simples de amor, causa calamidade ao mundo, pois a Torá cobre-se então de um cilício e apresenta-se perante Deus dizendo: Senhor do mundo! Os teus filhos fizeram-me um instrumento de música que os escarnecedores tocam nele.” (T. B *San hedrin 101* apud Torá, 2001, p. 647)

A partir do texto acima percorrido, podemos compreender que, de acordo com os comentários rabínicos, os estudiosos que atribuírem sentido puramente carnal-amoroso ao livro de Cantares de Salomão, trazendo-o como um “manual de sexualidade cristão” ou “guia prático para casais”, causam espanto ao mundo, porque estão totalmente equivocados, abrindo espaço para o pecado e para a heresia.

Quando o *Talmud* faz alerta acerca das más interpretações, está propondo um direcionamento para a visão espiritual/tipológica da Palavra Bíblica, para que não

desviemos o olhar da perspectiva original/primordial que foi concedida ao povo de Deus desde o início do processo de vivificação no homem. O estudo metatipológico nos garante observar, de forma profunda e detalhada o que fora prenunciado por Deus no Antigo Testamento, para se cumprir no Novo.

Quando falamos em processo de vivificação, estamos denotando o ato de dar/receber “vida ou existência”. Reanimar, tornar vívido”. (BOYER, 2009). Os salmistas clamavam por vivificação (Sl 85,6/ Sl 119, 25-37-40-50-88-107-149-154-156;/ Sl 143,11). Isaías foi chamado para vivificar, apregoar as boas novas da Lei de Deus, assim como consta em seu relato: “...Num alto e santo lugar habito; como também com o contrito e abatido de espírito, para *vivificar* o espírito dos abatidos, e para vivificar o coração dos contritos” (Isaías 57:15). Há uma promessa de que todos serão vivificados em Cristo (I Cor. 15,22), pois sabemos que o Espírito é o que vivifica (II Cor. 3,6). Essa vivificação se faz pela Palavra de Deus, a partir do instante em que é divulgada. E muitos que estavam em prisões são libertos, pela conversão aos caminhos de Jesus.

Aqui há a necessidade de estabelecer interação discursiva, para compreensão dos enunciados. Para Volóchinov (2017 [1929]), a palavra é o fenômeno ideológico por excelência, constituída de signos ideológicos. Os discursos, assim, são vivos e dinâmicos e se interligam via interação discursiva que para Volóchinov (2017 [1929]), institui a realidade fundamental da língua. Além do aspecto simbólico, a narrativa impulsiona a entendermos situações sócio-históricas diversas (MEDVIÉDEV, 2016 [1928]).

É preciso atentarmos, também, para questões culturais. A cultura ocidental (grande parte) atribuiu suas próprias interpretações ao livro de Cantares, e *a ideia de que se trata de uma história contendo relação amorosa carnal entre um homem e uma mulher é puramente enganosa*. É impossível que eu venha a analisar ou enxergar um livro de cunho Espiritual com uma visão materialista<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup>Materialista, aqui, significa uma visão não-espiritual, não-simbólica, que se pauta na dimensão ordinária e primeira. Não aprofundada, razoável, não-líquida.

Ainda de acordo com a Torá, nos comentários rabínicos, este foi o motivo pelo qual os sábios quiseram arquivar o *Shir Hashirim*, por desconfiarem de que os homens iriam atribuir sentidos puramente materiais a este Cântico. Porém, os homens da Grande Assembleia deram a este livro a sua interpretação verdadeira, a partir da inspiração divina, e desde então foi incluído dentro das Escrituras Sagradas.

### **O beijo, o amor e o vinho: uma análise dialógico-discursiva**

*Ct. 1, 1: Cântico dos Cânticos, que é de Salomão.*

Iniciamos esta seção com uma análise alegórico-discursiva realizada por Taylor (2002, p.23-24) acerca da magnitude com que é principiado o escrito Cantares de Salomão:

Que este Cântico seja chamado o Cântico dos Cânticos! Não há cântico como este. Lido corretamente, ele traz uma felicidade ao coração que está longe de ser comparada à alegria das coisas terrenais, tal como o céu é mais elevado do que a terra. Tem sido dito, com propriedade, que este é um cântico que somente a graça pode ensinar, apenas por experiência pode ser aprendido. Nosso salvador, falando da união do ramo com a videira, acrescenta: “Tenho-vos dito estas coisas para que o meu gozo esteja em vós, e o vosso gozo seja completo” (João 15, 11). E o discípulo amado escreveu sobre Ele como “o que era desde o princípio” e Aquele que “estava com o Pai, e nos foi manifestado”, para que nós possamos compartilhar a comunhão que ele desfrutou, e diz também: “Estas coisas, pois, vos escrevemos para que a nossa alegria seja completa” (1 João 1, 1-4). União com Cristo e permanência em Cristo asseguram: paz, descanso; respostas a todas as nossas orações; vitórias sobre todos os nossos inimigos; pura e santa maneira de viver... Tudo isto é o feliz resultado de permanecer em Cristo”.

Este primeiro versículo pode expressar mais de um sentido. Tanto pode ser uma referência a Salomão como autor principal do canto (entre tantos outros autores que o podem ter ajudado compilar), quanto pode ser traduzido/ interpretado da seguinte maneira: “Cântico dos Cânticos *a respeito de* Salomão”, o que mudaria totalmente o percurso interpretativo. Na verdade, as duas interpretações se unem na

densidade do texto: tanto o Cântico é atribuído a Salomão por ele ser o principal codificador, quanto retrata o personagem Salomão como integrante da narrativa.

Para esse ponto de vista, a autoria dos Cânticos é atribuída a Salomão porque ele foi escolhido para representar, poeticamente, o amor da Igreja pelo seu Senhor Jesus e vice-versa. Para refletir, em palavras e canção, o afeto que a Igreja tem pelo seu Rei, o Cristo. Foi denominado assim, pelos Hebreus<sup>11</sup>, por sua excelência e magnitude. Este é um momento de abertura, e de apresentação do próprio Cântico, em afirmação de que pertence a Salomão a autoria.

Taylor (2002) é um dos estudiosos de vertente teológica que interpreta os sentidos discursivos simbólicos emergidos na/da narrativa de Cantares, não por mera especulação, mas pela correlação deste material com outros textos bíblicos com os quais mantém relações dialógicas, ou seja, relações de sentido. Então, já que se trata de um escrito que também remete à inspiração e/ou aos ensinamentos a respeito do amor divino, torna-se necessário averiguar suas correlações com as demais materialidades linguístico-discursivas que o constituem. Segundo Medviédev (2016 [1928]), caso separemos o mundo de um texto de todo o povoamento de palavras que o atravessam, estaremos realizando um profundo corte na história, e separando a multiplicidade de sentidos constituintes.

*Ct. 1, 2: Beije-me ele com os beijos da sua boca; porque melhor é o seu amor do que o vinho.*

O *Beijo*<sup>12</sup> é o símbolo da amizade pura, na Lei Mosaica. Representa comunhão ou reconciliação. Esta voz é soada pela Sulamita, que foi levada às tendas de

---

<sup>11</sup>Hebreu é “o nome pelo qual as nações designavam os filhos de Israel. O próprio nome deriva-se, provavelmente, de **Éber**, isto é, **homens vindo do outro lado**. “Abrão, o heteu” (Gênesis 14, 13), assim chamado porque atravessou o rio, vindo da outra banda, o que aconteceu quando emigrou da Mesopotâmia. – Josué 24, 2.

Há distinção entre **hebreu**, **israelita** e **judeu**. Os israelitas eram apenas uma parte do grupo maior, chamado **hebreus**, descendentes de Éber, Gênesis 10, 24. O nome **Israel** usa-se para enfatizar o aspecto religioso do povo. **Os judeus** eram os habitantes de Judá. Os judeus que falavam aramaico são chamados **hebreus**, para distingui-los dos que falavam grego. Estes são designados como **helenistas**, At. 6.1. “Hebreu de hebreus”, inteiramente judeus, Filipenses 3, 5; II Coríntios 11, 22.

<sup>12</sup>*philema* (φιλημα), “beijo, ósculo” (cognato de B) é encontrado em Lc 7, 45; 22,48; era um sinal de fraternidade cristã, quer à guisa de saudação ou de despedida; ósculo santo (Rm 16, 16; I Cor. 16, 20; santo [*hagios*], na qualidade de livre de tudo o que é inconsistente com a chamada dos santos [*hagioi*]);

Salomão e que falava consigo mesma sobre seu amado pastor (v. 2,3). Espiritualmente, quando a Igreja declara isto, está desejando afetosamente que sua comunhão com Cristo esteja em acontecimento pleno. É como consta na Torá (p. 651), quando Salomão é descrito pelo rabino: *Falou conosco face a face como um homem que beija a seu companheiro por lhe ter muita amizade, pois quis-nos com grande amor, mais que às setenta nações.*

Esse beijo é um tipo dos diversos beijos retratados pelo Apóstolo Paulo como ósculo santo, ou beijo da Paz. Pode assumir diversos papéis, ou ter vários sentidos, o beijo. Vejamos alguns:

**I Tessalonicenses 5, 26:** “*Saudai a todos os irmãos com ósculo santo*” – com sentido de saudação.

**II Coríntios 13, 12:** “*Saudai-vos uns aos outros com ósculo santo*”.

**Romanos 16, 16:** “*Saudai-vos uns aos outros com ósculo santo. As Igrejas de Cristo vos saúdam.*”

**Provérbios 24,26:** “*Beija com os lábios o que responde com palavras retas*”.

Em uma perspectiva discursivo-simbólica, o beijo simboliza a comunhão de Deus com a Igreja por meio da Palavra que vinha sendo anunciada pelos profetas.

E existe o beijo enganoso, de falsidade? Sim. Se pararmos para refletir, enxergaremos que Judas, quando beijou a face de Jesus, cumpriu *Prov. 24, 26: “Beija com os lábios o que responde com palavras retas”*. Porém, seu beijo era enganoso, de traição.

A boca simboliza o anúncio da Palavra. É através da boca que ouvimos a escritura, anunciada e bradada. Não só para os eruditos da atualidade, mas na própria vivência dos antigos sistemas religiosos, a boca contém significância notável na concretude de sua simbólica. Para Chevalier & Gheerbrant (2009, p. 133), a boca é “A abertura por onde passam o sopro, a palavra e o alimento, a boca é o símbolo da

---

“ósculo de caridade” ou “beijo de amor” (I Pe 5, 14). Devia haver ausência de formalidade e hipocrisia, liberdade de preconceito que advém da distinção social, da discriminação contra os pobres, da parcialidade para com os prósperos (...) O beijo ocorria entre pessoas do mesmo sexo. Nas “Constituições Apostólicas”, escrito compilado no século IV d.C, há uma referência ao costume de que os homens se sentavam num lado da sala em que se realizavam as reuniões, e as mulheres no outro lado (como ainda é o caso em certas regiões da Europa e Ásia), e os homens são solicitados a saudar os homens, e as mulheres às mulheres com o “Beijo do Senhor”. (VINE, et al. 2013).

força criadora e, muito particularmente, da insuflação da alma. Órgão da Palavra (*verbum, logos*) e do sopro (*spiritus*), ela simboliza também um grau elevado de consciência, uma capacidade organizadora através da razão. Esse aspecto positivo, porém, como todo símbolo, tem um reverso.

A força capaz de construir, de animar (i.e, de dar alma ou vida), de ordenar, de elevar, é igualmente capaz de destruir, de matar, de confundir, de rebaixar: a boca derruba tão depressa quanto edifica seus castelos de palavras. É mediação entre a situação em que se encontra um ser e o mundo inferior ou o mundo superior aos quais ela o pode arrastar. Na iconografia universal, é representada tanto pela goela do monstro, como pelos lábios do anjo; ela é do mesmo modo a porta dos infernos e a do paraíso”. É interessante notarmos que esses autores mantêm pleno contato com a Bíblia em grande parte de suas descrições acerca da boca, como por exemplo o paralelo entre salvar e destruir (Leia-se a Carta de Tiago [3,1-12]).

No contexto da narrativa judaica descrita no Antigo Testamento bíblico, a boca representa o profeta que está anunciando a Palavra, como consta no contexto de Êxodo 4, do 12 ao 17, em que Arão, levita, irmão de Moisés, é colocado por boca para falar ao Povo em seu lugar. De igual maneira percebemos em uma passagem do livro de **Jó 23, 12**: “Do preceito de seus lábios nunca me aparte, e as palavras da sua boca prezei mais do que o meu alimento”. Neste instante Jó declara que nunca se apartou dos lábios do Senhor, de sua Palavra, e a prezou mais que o alimento humano. Podemos encontrar outros versículos sobre boca, e cada um deles tem o seu significado tipológico, produzido pelo contexto, representando os discípulos de Cristo:

**Salmos 55,21**: “A sua boca era mais macia do que a manteiga, mas no seu coração, guerra”.

**Provérbios 31, 8**: “Abre a tua boca a favor do mundo...”.

**Malaquias 2, 6**: “A lei da verdade esteve na sua boca, e a iniquidade não se achou nos seus lábios...”

**Jeremias 1,9**: “E estendeu o Senhor a sua mão, e tocou-me na boca; e disse-me o Senhor: eis que ponho as minhas palavras na tua boca”.

**Lucas 21,15**: “Porque vos darei boca e sabedoria”.

**Isaías 6,6-7**: “Mas um dos Serafins voou para mim, trazendo na mão uma brasa viva que tirara do altar com uma tenaz; E com ela tocou a minha boca e disse: Eis que isto tocou os teus lábios, e a tua iniquidade foi tirada, e purificado o teu pecado.”

Se atentarmos bem para o versículo 2 do Cântico, veremos que a Igreja clama para que o Senhor envie profetas de Deus, homens que preguem o amor, e não apenas pela Lei.

*Ct. 1, 2 – parte B: “porque melhor é o seu amor do que o vinho”.*

*Amor, agapaō (Αγάπη του Θεού)* e o substantivo correspondente *agape* apresenta “a palavra característica do Cristianismo”, e, visto que o Espírito de revelação a usou para expressar ideias anteriormente desconhecidas, investigação quanto ao seu uso, quer na literatura grega, quer na Septuaginta, lança senão pouca luz em seu significado distintivo no Novo Testamento. Contraste, porém, com Lv. 19,18 e Dt. 6,5. (VINE, et al. 2013). E por que esse amor é um tipo dos modos de amar de Cristo no N.T? Os termos *agape* e *agapaō* são usados no Novo Testamento para, dentre outras coisas, transmitir sua Vontade aos seus filhos concernente à atitude deles uns para com os outros (Jo 13, 34). O amor de Deus é visto no presente do seu Filho (I Jo 4, 9-10). Mas, obviamente este não é o amor de satisfação, prazer, autocontentamento ou afeto, isto é não foi obtido pela excelência de seus objetos (Rm 5,8). Foi um exercício da vontade divina em escolha deliberada, feito sem causa designativa, exceto o que se acha na natureza do próprio Deus (I Jo 4,8). (IDEM, 2013).

Porém, se faz importante destacarmos que “se tornou comum, na literatura Cristã contemporânea, traçar distinções rígidas entre as várias palavras gregas traduzidas por “amor”: *storge, philia, eros e ágape*. A primeira delas, *Storge*, era comum nos períodos clássico e helenístico; usualmente, queria referir-se ao amor no sentido de afeição, especialmente entre pais e filhos (...). O verbo *phileo* e os substantivos dele derivados *philia, philos, e phile*, normalmente se entendem como palavras que expressam amizade ou “amor fraternal”. “Amigo” ou “companheiro” apanha o elemento pessoal das palavras em questão” (EATON/CARR, 1989).

A escrita neotestamentária testifica de que o amor que provém de Jesus é maior do que qualquer outro sentimento e força que possa existir, o que é confirmado por Bakhtin (2006) quando fala do altruísmo de Cristo e do seu sacrifício absoluto. Tal

sentimento “teve sua perfeita expressão entre os homens no Senhor Jesus Cristo (II Co. 5,14; Ef 2,4; 3,19; 5,2); o amor Cristão é o fruto do seu Espírito no cristão (Gl 5,22)” (VINE, et al. 2013). E isso é o que descobrimos nas materialidades discursivas do poema salomônico, de valor inexorável: a representação plena do amor de Cristo.

*Mais do que o vinho:* O vinho<sup>13</sup> é um líquido proveniente do sumo das uvas. Ora, mas lembremos que *A vinha do Senhor dos Exércitos é a casa de Israel, e os homens de Judá são a planta de suas delícias (Is. 5, 7)*. O vinho deve ser bebido moderadamente, representando, neste contexto, uma espécie de ensinamento doutrinário. Se bebermos vinho demais, faz mal.

O Velho Testamento reconhece algo que era bastante comum em todo o antigo Oriente próximo: o vinho desempenhava papel importante em vários tipos de festividades, como casamentos, reuniões, banquetes, cerimônias religiosas etc. Contudo, o Velho Testamento sempre aponta os perigos da falta de moderação. (EATON; CARR, 1989, p. 226).

Diversas passagens nos remetem ao cuidado que devemos ter com os prazeres da vida (instância consecutiva do vinho exagerado), como quando o apóstolo benjamita escreve aos **Efésios 5, 18**: “Não vos embriagueis com o vinho, em que há dissolução, mas enchei-vos do Espírito”. Porém, reconhece Paulo a importância do uso moderado do vinho (contexto diferente), em seu conselho a Timóteo: **I Timóteo 5, 23**: “Não bebas mais água, só, mas usa também um pouco de vinho, por causa do teu estômago, conserva-te a ti mesmo puro”.

Estamos, portanto, diante de fragmentos tipológicos em que *a Igreja reconhece que o amor de Cristo importa muito mais que os prazeres da vida*.

---

<sup>13</sup> Por mais que haja “numerosas palavras no hebraico e no aramaico, do velho testamento, para “vinho” (IDEM, 1989)”, Vine (et al. 2013) nos trazem que “*oinos* (χυμός) é o termo geral para “vinho”. (...) A bebida de “vinho” poderia ser uma pedra de tropeço e o apóstolo Paulo ordena a abstinência neste particular, como em outros, para evitar dar ocasião de fazer um irmão tropeçar (Rm 14,21)”. Além de ser usado como um tipo de alguns vinhos (certamente fermentados) mencionados no N.T, temos também o uso da palavra *gleukos* (γλεύκος), que “denota vinho novo, doce ou mosto (At. 2,13). As acusações esposadas neste texto mostram que era vinho embriagante e, portanto, deve ter sofrido fermentação por algum tempo”. (VINE et al; 2013).

## Considerações finais

Diante das reflexões teológicas e linguístico-discursivas que compõem nosso manuscrito, acreditamos que os estudos advindos do pensamento de Bakhtin e o círculo atuam como um importante dispositivo para estudos e análises tanto em âmbito sócio-histórico quanto simbólico. Foi possível entender não apenas a estrutura e os tópicos que compõem a escritura de Cantares de Salomão, mas perceber que sua escrita aponta para além de uma interpretação que convoca estudos em âmbito discursivo e simbólico.

Os resultados apontaram para o fato de que, por meio dos postulados círculo-bakhtinianos, foi possível exceder olhares sobre Cantares, ou seja, esse arsenal teórico-metodológico contribui para compreendermos o escrito salomônico sob lentes da história, ao passo que valida interpretações de cunho alegórico/simbólico. A narrativa foi examinada por meio de uma perspectiva dialógica da linguagem, e se constatou que há, também, uma perspectiva de interpretação do livro que aponta, tipologicamente, para a relação neotestamentária entre Cristo e a Igreja.

Nossas palavras não carregam o tom de verdade única, nem tampouco deslegitima outras vertentes de estudo sobre o livro bíblico Cantares de Salomão, mas entra nessa corrente dialógica de interpretações responsáveis e responsivas a respeito do da palavra – do diálogo. Desse modo, nossa expectativa é que esse estudo possa instigar demais pesquisadores a se debruçarem sobre esse terreno tênue da linguagem, mas que permite relações de sentido e entrelaçamentos semânticos.

## Referências

BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010 (1924).

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006a [1979]. p. 261-306.

BAKHTIN, M. Apontamentos de 1970-1971. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006b [1979]. p. 367-393.

**BÍBLIA SAGRADA. Antigo e Novo Testamento**. Português. 2012. Belo Horizonte: Editora Atos, 2012.

**BÍBLIA SAGRADA**. Trad. João Ferreira de Almeida. Bíblia Sagrada, versão revista e corrigida, 15ª Ed. 2010.

BOYER, Orlando. **Pequena Enciclopédia Bíblica**. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

CHEVALIER, Jean; GHEERNRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos. – Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Trad. Vera da Costa e Silva, RJ. – José Olympio, 2009.

EATON, Michael A.; CARR, G. Lloyd. **Eclesiastes e Cantares – Introdução e comentário**. Série Cultura Bíblica. São Paulo, Ed. Vida Nova, 1989.

**Grande Larousse Cultural Dicionário da Língua Portuguesa**. Editora Nova Cultural Ltda. 1999.

FURUTA, Arissa Michele Barbosa; RODRIGUES, Marlon Leal. Análise do discurso dos Cânticos de Salomão. **Traços de Linguagem-Revista de Estudos Linguísticos**, v. 1, n. 2, 2017.

GRAHL, Raquel Schmidt. O amor conjugal em Cantares: uma análise exegética a partir de cantares 8.6-7. **Galeria Teológica**, v. 1, n. 1, p. 74-108, 2020.

HABERSHON, Ada Ruth. **Manual de tipologia bíblica: como reconhecer e interpretar símbolos, tipos e alegorias das Escrituras Sagradas**. Editora Vida, 2003.

MACDONALD, William. **Comentário Bíblico Popular – Antigo Testamento**. Traduzido por Suzana Klassen e Vanderlei Ortigoza – editado com introduções de Art Farstad – São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

MACDONALD, William. **Comentário Bíblico Popular – Novo Testamento**. Traduzido por Suzana Klassen e Vanderlei Ortigoza – editado com introduções de Art Farstad – São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

TORAH. **Torá ou a Lei de Moisés**. Ed. Sêfer. Trad. do Rabino Meir Matzliah Melamed. 2001.

MEDVIÉDEV, Pável. A ciência das ideologias e suas tarefas imediatas. In: MEDVIÉDEV, Pável. **O método formal nos estudos literários: introdução a uma poética sociológica**. Tradutoras: Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2016a [1928], p.41-56.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. Teologia em foco: réplicas linguístico-axiológico-discursivas de Jesus ao ceticismo judaico no primeiro século da era cristã. **Interações - Cultura e Comunidade (Online)**, v. 13, p. 375-390, 2018.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. Acentos introdutórios e análises linguístico-discursivas sobre o estudo religioso bíblico. In: Wilder Kleber Fernandes de Santana. (Org.). **Relações Linguísticas e Axió(Dia)Lógicas: Sobre Linguagem e Enunciação**. 1ed. João Pessoa: Ideia, 2019, v. 1, p. 26-37.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. SILVEIRA, Éderson Luís. Linguagem, discurso e religião: horizontes de compreensão a partir dos escritos de Bakhtin e o Círculo. **Revista Philologus**, v. 27, p. 113-127, 2021.

SCHAEFFER, Francis. **A arte e a Bíblia**. Editora Ultimato, 2021.

TAYLOR, Hudson. **Cântico dos cânticos: o misterioso romance**. 1 ed. São Paulo: CCC Edições, 2002.

VINE, W. E; UNGER, Merrill F; WHITE JR, William. **Dicionário VINE: O Significado exegético e Expositivo das Palavras do Antigo e do Novo Testamento**. Traduzido por Luís Aron de Macedo. Ed. CPAD, 17ª impressão. Rio de Janeiro, 2013.

VOLÓCHINOV, Valentin. A Interação Discursiva. In: VOLOCHÍNOV, V. N. (círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem - Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017b [1929]. p. 201-226.

Recebido em: 04/03/2024.

Aprovado em: 07/08/2024.